

Adelaide Calhman de Miranda

É verdade que as formas que vivem no espaço
e na matéria também vivem no espírito.

Henri Focillon

A mãe, o pai, a casa: são esses os primeiros registros na consciência de uma criança, e é daí que o escritor Roberto Gomes tira a matéria para seu romance. *Todas as casas* é composto das memórias de infância do autor/narrador, que são estruturadas a partir da seqüência de residências onde ele habitou: “Todas as casas. Com tudo o que há nelas, dentro e fora. Espaço aberto e óbvio, fechado e improvável, banal e raro, origem, abrigo, refúgio, encontro de memórias, prisão e liberdade” (p. 7).

A casa não é somente um espaço inerte, sede das atividades humanas, mas o seu interlocutor: interage com seus habitantes, permitindo ou expandindo as suas experiências corporais, mas também as restringindo, delimitando-as. De fato, a arquitetura se exerce “no espaço medido pelos nossos passos e ocupado pela nossa atividade física”¹. Como explica Henri Focillon, é na criação da “massa interna”, de uma “espécie de reverso do espaço”² e não no seu invólucro, que essa arte implementa a sua originalidade. É essa dimensão, mais do que a lembrança de suas fachadas, que permite ao habitante distingui-la de outras edificações. Palco de estímulo

¹ FOCILLON, Henri. *A vida das formas*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 36.

² Id., p. 39.

los sensoriais, a casa permanece embutida na memória, consciente ou não, através dos seus cheiros, dos jogos de luz e sombra, das texturas dos tecidos, dos sabores doces ou acres da sua (in)felicidade.

Pois é também na materialidade que a casa se ergue, ligando o seu formato “ao peso, à densidade, à luz e à cor”³. A matéria, assim, impõe a sua forma, como a própria pessoa que constrói a casa e a que vive nela, alterando os espaços de acordo com as suas necessidades. Seres humanos e materiais de construção são sujeitos à ação do tempo, o que explica a descrição da casa como um ser vivo que envelhece e morre: “As casas acabam muito antes de suas paredes ruírem, das goteiras invadirem os telhados, da umidade apodrecer suas paredes, dos rancos destruírem seus alicerces. Acabam antes mesmo de sairmos delas, quando ainda alimentamos alguma esperança de que possam ser eternas” (p. 156).

O tempo é, portanto, um dos personagens do romance de Roberto Gomes. Por um lado, através da memória, a casa parece escapar à ação do tempo: “Geografia afetiva cujo alcance não se submete à arquitetura de que são feitas – livres do tempo e do espaço, estão disponíveis tanto hoje quanto ontem, sempre que um perfume, palavra ou gesto as recupere...” (p. 7). Por outro, justamente pela passagem do tempo e pela mudança que lhe é intrínseca, a casa finda, mesmo que na memória ainda lhe reste algum resquício: “Não havia mais casa alguma, eis a verdade. Elas estavam dispersas ao longo de um tempo irrecuperável, escondidas deliberadamente em espaços obscuros da memória, brotando do passado, movidas pelo acaso, pela dor, por certos cheiros ou sabores casuais ou palavra extraviada em alguma conversa” (p. 157).

Mas se a casa forja a sua marca permanentemente nos espíritos, estes também impõem a ela os seus registros, “por debaixo de sucessivas reformas, inquilinos bárbaros, pinturas de gosto duvidoso, uma porta a mais, um puxado nos fundos, um muro agressivo repleto de lanças assassinas, grades de prisão onde antes havia liberdade e sonho” (p. 7). Assim a casa se transfigura pela ação do tempo, marcada pela história de seus habitantes e dos acontecimentos que sediou:

³ Id., p. 55.

Festas, brigas, comentários maldosos, inveja, um ombro amigo, o sexo debaixo das escadas, nos porões e sótãos, nos quartos e corredores, uma casa inteira para dançarmos, meu amor, nesta noite que ficará para sempre nesta sala, nesta varanda, neste quarto, eu não sabia que teu corpo brilhava no escuro. Ninguém suspeita que os amantes ali permanecem, amando-se para sempre... (p. 10).

O tempo determina também a ordem cronológica que organiza a narrativa e evidencia o crescimento do narrador. Nos primeiros capítulos, correspondentes aos primeiros anos de sua vida, a maioria dos acontecimentos ocorre dentro de casa ou, ao menos, ao redor dela, no terreno. À medida que cresce, o narrador começa a andar pelas ruas da cidade e por outras edificações: a escola, as casas dos amigos, os bares, os locais de trabalho. Perde-se um pouco a linguagem poética dos primeiros capítulos, criada pela relação de uma criança com o espaço físico onde habita. A nomeação dos últimos capítulos, de acordo com a casa onde mora o narrador, passa a ser mais uma questão de organização da narrativa. A força das impressões causadas pelas primeiras casas é substituída pela maior variedade de experiências e por uma maior amplitude de possibilidades oferecidas ao jovem. A substituição gradativa do espaço privado pelo público corresponde ao crescimento do narrador: ele conhece outras pessoas, relaciona-se com amigos, professores, amantes. Ao final, ele não se encontra em casa alguma: “Eu não morava em nenhuma delas: não havia para onde retornar. Eu morava no mundo e estava só. O deserto estava agora dentro e fora de mim, conteúdo e continente, prisão e angústia. (...) Eu precisava partir” (pp. 157-8).

A sua necessidade de ir embora pode ser explicada pela simbologia da casa como Centro do Mundo. De acordo com Mircea Eliade, a habitação humana é identificada como Centro do Universo, assim como o são todas as casas, os templos, os palácios, as cidades⁴. A contradição aparente é compreendida como “o desejo de se encontrar sempre e sem esforço no Centro do Mundo, no coração da realidade, e enfim, de ultrapassar de uma maneira natural a condição humana e de reencontrar a condição divina”⁵.

⁴ ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 50. Esta referência à casa como centro do universo já aparece na epígrafe do livro, uma citação de G. K. Chesterton.

⁵ Idem, p. 51.

Por isso, o universo do narrador parece gravitar em volta de suas casas. E quando não há mais centro, nada mais o prende ali; está na hora de partir. A idéia da casa como Centro do Mundo também explica a estruturação da narrativa a partir da perspectiva do narrador. Além disso, a sua busca pelo centro do seu universo passa pela presença ou ausência do seu pai:

Aqui, na varanda, onde eu brincava com um carrinho, meu pai se sentava a um canto e tocava violão. (...) Meu pai está emoldurado pelas grades da varanda, tendo ao fundo as árvores e o rio. Só. Não trocamos palavras, não nos olhamos, apenas sentimos a presença um do outro. A música é sempre a mesma, embora não se repita em minha memória. Como se houvesse se transformado em algo fora e acima do tempo. Não é som. Ou melhor, é som que se converteu em espaço: imagem (pp. 25-7).

Este retrato de felicidade, este pequeno fragmento da memória, dá uma pista da busca infundável do narrador, que pinta incontáveis quadros de um homem tocando violão, que procura a casa do seu pai depois da separação da sua mãe, que tenta entender esta ausência que implicava na presença em outro lugar, em “uma espécie de outra casa, de não-casa, de alguma coisa etérea, volátil, mutável, imprecisa como meu pai” (pp. 99-100). A estas residências desconhecidas e abstratas de seu pai, o narrador contrapõe as experiências concretas e reais experimentadas nas casas onde ele viveu. As tentativas de reconciliação entre a mãe e o pai são constantemente objetos de sua narrativa. A biografia de um homem pelo ponto de vista das residências que marcaram a sua história é como a tentativa de mapear essa perda, a sua separação do pai, o outro centro do seu mundo. No final ele confessa, apesar da cordialidade, a frustração que lhe traz esta relação:

Era com o mesmo desconforto e esperança que eu o encontrava em um lugar qualquer do mundo, sempre ao acaso. Trocávamos muitas palavras, gestos, abraços, comentários espirituosos e piadas de circunstância – éramos muito hábeis nisso. Mas o fracasso era permanente: no fundo, não sabíamos mais o que fazer, o que dizer, o que esperar, como se houvesse um permanente compromisso mais urgente a nos espreitar da próxima esquina. As casas que acumulávamos em nossas memórias agora nos sufocavam e era preciso aguardar (p. 157).

Todas as casas é a (auto)biografia de um homem, mas também o relato de uma busca pela infância perdida. A sensação de completude e proteção desse pequeno mundo vai se perdendo à medida em que o seu universo se amplia. A tristeza e a amargura de sua mãe, a ausência incompreensível do pai, a mudança constante de residência, a perda do primeiro grande amor, todos esses fatores contribuem para que o narrador deixe de ver em sua casa o centro do seu mundo. A sua incursão no meio literário, ilustrada pela leitura até altas horas da madrugada e pela redação e publicação das primeiras crônicas, possivelmente oferecia a ele um caminho:

Não sabia o que iria fazer ou encontrar, mas, de alguma forma e apesar do medo, iria em frente movido pelos mesmos desejos, embora agora mais obstinados e duros. Como um mapa: o contorno externo de uma esperança. Como aqueles textos que escrevia e lia ao adormecer como a cara enfiada num livro (p. 158).

O romance de Roberto Gomes narra com sensibilidade e sutileza a trajetória percorrida por um homem; a sua história é contada através da sucessão de casas onde habita. No título, na divisão dos capítulos e no tom memorialista, o autor deixa entrever uma tentativa de dar unidade a pequenos fragmentos de sua vida. Tal qual um quebra-cabeça que o narrador monta e remonta, percebe-se um desejo de unidade, como se o conjunto das peças, organizada de forma correta, pudesse dizer algo de sua vida. Talvez por esse motivo, ao final do livro sente-se um resíduo de frustração; afinal, qual é a vida que revela um sentido ou um significado, mesmo em sua melhor composição? No entanto, é justamente no fragmento de cada instante vivido que se pode encontrar alguma significação. *Todas as casas* atinge uma harmonia, não na composição das casas, no conjunto das experiências, na totalidade da vida, mas em cada momento narrado, em cada casa descrita, na singularidade das peças que podem ou não ser agrupadas.